

o pequeno **filósofo**



GABRIEL CHALITA

o pequeno **filósofo**

Ilustrações **Simone Matias**



editora scipione

Copyright do texto © Gabriel Chalita, 2020

**Presidência** Mario Ghio Júnior

**Direção de Operações** Alvaro Claudino dos Santos Junior

**Direção Editorial** Daniela Lima Villela Segura

**Gerência de Negócios e Editorial** Carolina Tresolavy

**Gerência Editorial** Fabio Weintraub

**Edição** Andreia Pereira

**Planejamento e Controle de Produção** Flávio Matuguma,

Juliana Batista e Juliana Gonçalves

**Projeto Gráfico e Diagramação** Nathalia Laia

**Revisão** Kátia Scaff Marques (coord.), Brenda T. M. Morais,

Claudia Virgilio, Daniela Lima, Malvina Tomáz e Ricardo Miyake

**Projeto de Trabalho Interdisciplinar** Silvia Oberg

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Chalita, Gabriel Benedito Issaac, 1969-  
O pequeno filósofo / Gabriel Chalita ; ilustrações de  
Simone Matias. – 1. ed. – São Paulo : Scipione, 2020.  
80 p. : il., color.  
ISBN: 978-85-4740-396-6  
1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Matias, Simone  
20-1791 CDD 028.5

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL 525040

CAE 728144

2020

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

## **editora scipione**

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Av. Paulista, 901 – Bela Vista – São Paulo – SP – CEP 01310-200

Tel.: (0xx11) 4003-3061

Conheça o nosso portal de literatura

Coletivo Leitor: [www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)



## SUMÁRIO

<b>capítulo 1</b> .....	7
<b>capítulo 2</b> .....	11
<b>capítulo 3</b> .....	16
<b>capítulo 4</b> .....	24
<b>capítulo 5</b> .....	27
<b>capítulo 6</b> .....	35
<b>capítulo 7</b> .....	39
<b>capítulo 8</b> .....	42
<b>capítulo 9</b> .....	50
<b>capítulo 10</b> .....	56
<b>capítulo 11</b> .....	64
<b>capítulo 12</b> .....	69
<b>capítulo 13</b> .....	77







## 1

**Era uma espécie de trem**, eu acho. Não me lembro muito bem. Lembro-me de que ainda não passou. Foi tudo tão rápido. Demorou. Ficou.

Minha memória afetiva traz lembranças de trem e de estação. Eu morava em uma pequena cidade do interior. Ininterruptamente, via o trem que chegava e o trem que partia. Ouvia o barulho. Quando nada tinha para fazer, e quase sempre nada tinha para fazer, ficava olhando as pessoas que chegavam e os seus abraços prolongados. E via os mesmos abraços nas despedidas. A diferença estava no depois. Na chegada, os abraços continuavam no caminhar acompanhado. Nas despedidas, o vazio fazia companhia a quem ficava. Quem partia, eu não podia ver. O trem fazia o seu papel. Apenas a fumaça e algum barulho que, pouco a pouco, iam diminuindo. Na partida, os abraços sabiam que o tempo não se curvaria. Na chegada, a novidade vinha também com o tempo. O tempo, os abraços, a chegada, a partida, o trem e eu. E tudo voltava a ser silêncio na estação.







Bem perto, havia um rio. Ali, naquele rio, alguns meninos desafiavam as águas e mergulhavam. Eu não gostava da algazarra. Preferia o rio sem ninguém. O movimento era apenas dele. Não havia invasões. O rio era imenso e não parava nunca. Sabia para onde deveria ir. Nada de pausas nem interrupções. Nem chegadas nem partidas. O que se passava sob as águas do rio eu não sabia. Nem se mergulhasse poderia saber. Na fundura daquelas águas, a minha pouca idade preferia ficar à margem. O tempo, talvez, me fizesse chegar a outro lugar. Talvez não.

Na ponte, protegida do rio, charretes iam de um lado a outro. E algumas bicicletas e alguns passantes. Tudo vagaroso. Histórias encontravam-se. Alguns se reconheciam e paravam para uma prosa; outros apenas acenavam. Era bom de ver.

Ao longe, no alto da montanha, uma igreja. Os sinos tocavam nas horas certas. Três vezes ao dia. Logo ao amanhecer, ao meio-dia e ao entardecer. E, depois, na pequena cidade, só o silêncio. O rio, à noite, era diferente. Eu não gostava de olhar. E, à noite, não havia trem. A estação ficava fechada, e nada de abraços. Quando alguém morria, os sinos também tocavam. As badaladas eram diferentes. Em dias de enterro, também havia abraços.

Assim eu passava os dias.

Ele falava muito das tais estações. No começo, eu achava que eram as estações do ano. Não que não fossem. Ele falava sobre o frio e o calor, falava sobre os ventos e o florir. Aliás, ele falava tanto e tão bonito! Era um filósofo. Um pequeno filósofo. Gostava das perguntas e prestava atenção às respostas. Sabedoria talvez seja a palavra. No início, não me dei conta. Ingenuidade me parece perda de tempo. Mas ele não era ingênuo. Ou era? É difícil explicar. Seu modo de ser espontâneo tinha profundidade. Falava de coisas que só sonhando para me lembrar.



## 2

**Recordo-me** de um dos nossos primeiros diálogos.

— Por que você não deu um sorriso quando ela brincou com você? — ele me perguntou.

— Está falando comigo?

— Só estamos nós dois aqui.

— Eu não prestei muita atenção. Não percebi que era uma brincadeira.

— Você não prestou atenção.

— Foi o que eu disse. Eu não prestei atenção que era uma brincadeira.

— Você não prestou atenção.

— Engoliu o disco?

— Não. Nem vi.

— É uma maneira de dizer.

— O quê?

— Uma maneira de dizer que você está se repetindo.

— E há algum mal nisso?

— Há.

- Há tanta coisa que se repete e é tão bonita.
- Como o quê?
- Você não sabe?
- Não.
- Viu como o dia está hoje?
- Vi.
- Não. Você não viu.
- Bem. Então, estou vendo agora.
- Já passou.
- O quê?
- Aquele instante.
- Qual instante?
- Aquele em que eu te perguntei se tinha visto como o dia estava bonito.
- Sim. Mas há outro instante agora. E depois haverá outro.
- Você tem razão. Mas aquele já foi. Que pena! Foi tão bonito!
- Bem, eu nem sei o que dizer.
- Ela talvez não brinque mais com você. E, se brincar, será diferente.
- Eu já disse que não tinha prestado atenção.
- Eu ouvi. E quanto ao sorriso?
- Que sorriso?
- Você não sabe o que é um sorriso?
- É evidente que eu sei. É que é preciso motivo, razão para sorrir.
- Por quê?
- Por que o quê?
- Por que é preciso motivo, razão para sorrir?
- Porque senão o sorriso fica bobo.
- Eu gosto de sorriso. Gosto muito.

- Você gosta de sorriso bobó? Eu não gosto.
- Eu sei.
- Você sabe?
- Sei. Eu presto atenção.
- Eu também.
- Você não prestou atenção na brincadeira que ela fez.
- Bem, isso foi só uma vez.
- Não prestou atenção em como o dia está bonito.
- Bem, depois eu vi.
- Não prestou atenção em mim.
- Em você?
- Sim. Estou aqui faz tempo.
- Eu nem sei o que dizer.
- Eu sei.
- Você sabe de tudo?
- Não. Só sei o que é necessário.
- E o que é necessário?
- Coisas simples.

Simplicidade era seu tema preferido. O pequeno filósofo, quando não falava, olhava e ria sozinho de coisas corriqueiras. O banal era extraordinário naqueles olhos cheios de esperança. Parecia que ele guardava algum segredo. E que o seu segredo era sagrado. Eu havia me acostumado a conviver com homens cheios de confiança no que diziam. Homens que não conviviam com a dúvida. A certeza sempre me pareceu ignorância. Só os incultos têm tanta certeza. Ou melhor, os semicultos. Exatamente. Aqueles que sabem muito pouco e, do pouco que sabem, julgam que sabem muito. Saber muito é outra coisa. É saber que não se sabe. Humildade. Das margens, não se é possível conhecer o rio, ainda mais à noite.